

# O grande perigo

RAUL PILLA

**S**OBRE a crise moral, que é básica, insere-se, em França, uma crise eminentemente política, determinada pela existência de dois fortes partidos extremistas: o comunista e o degaullista. O primeiro deseja a subversão social; o segundo, a subversão política. Por isto, ambos coincidem sempre no empenho de criar dificuldades ao normal funcionamento do regime. Um gabinete que se tenta constituir poderá ter o apêlo mais ou menos decidido dos demais partidos, mas encontrará sempre pela frente as duas grandes agremiações extremistas. Se a isto se acrescentar que um outro numeroso partido, o socialista, se vê obrigado a frequentes recuos e hesitações por motivos doutrinários ou simplesmente eleitorais, compreender-se-á a extrema complexidade e delicadeza da situação política na França: qualquer divergência suscitada entre os partidos da maioria poderá comprometer a sorte do governo.

Assim, sem considerar a realidade político-social da França, não se poderá julgar acertadamente o funcionamento do seu sistema parlamentar. As dificuldades não provêm do sistema, senão do país. E se a liberdade ainda não soçobrou, deve-se, justamente, à elasticidade do sistema. Cada gabinete que cai é uma válvula de segurança que se abre, evitando a revolução e o golpe de Estado. E, mais do que isto, cada crise que se produz é um apêlo ao sentimento de responsabilidade das forças políticas que, tendo provocado a crise, não podem fugir à obrigação de resolvê-la. Explica isto acabe sendo aceita pela maioria parlamentar uma providência que determinou a queda do gabinete anterior. E' que só então se reconhece não haver outro caminho, ou não haver quem possa abrir outro. Se a democracia é o regime em que a persuasão substitui a compressão, o sistema parlamentar na França está funcionando admiravelmente. Tão admiravelmente, que para o substituir só se sabe alvitrar um regime de força, mais ou menos disfarçado.

Em tal substituição é que está o grande perigo. 9. IV. 52